

O BOM EXEMPLO ORIENTAL

Carlos Eduardo VALIM



DEU CERTO NA COREIA DO SUL, A RAPIDEZ PARA INDICAR ISOLAMENTO DE PESSOAS E A RESPOSTA ÁGIL PARA ESTERILIZAÇÃO DE ESPAÇOS JÁ REDUZIRAM O CONTÁGIO

Num momento de tantas incertezas, existe uma certeza. Quanto melhor passarmos pela crise do covid-19 o custo humano e econômico será menor. E, se o Brasil quiser seguir modelos bem sucedidos, que olhe para o Oriente. A resposta de diversos países da região foi eficiente de tal forma que o epicentro da pandemia, que começou em dezembro, em Wuhan, na China, passou a ser a Europa, em março. Em especial, a Itália. A grande diferença está nas respostas rápidas dos asiáticos.

Países próximos da China, como Taiwan, Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Austrália, fizeram isolamento social assim que o primeiro caso foi confirmado. Hoje eles são a referência na gestão da crise. Por outro lado, a Itália desdenhou a situação, com a falsa sensação de que se tratava de uma gripe forte. Quando o primeiro caso foi confirmado, já era de contágio interno, não de estrangeiro ou viajante. Segundo o Conselho Federal de Medicina, em semanas, o sistema de saúde colapsou pela quantidade de doentes graves e mortes.



MINHAS CONTAS SUGEREM QUE O BRASIL LEVARIA ATÉ O FIM DE ABRIL PARA ACUMULAR 50 MIL CASOS DA DOENÇA

ARMANDO CASTELAR PINHEIRO COORDENADOR DE ECONOMIA DO IBRE/FGV

No Ocidente, em geral, a expansão se deu em progressão geométrica. “Os países quentes que tiveram melhores resultados do que os frios são todos que viveram o surto de Sars, em 2003, ou o Mers em 2015”, diz Claudia Feitosa-Santana, neurocientista com pós-doutorado pela Universidade de Chicago e professora da Casa do Saber. “Tomaram ações imediatas desde o primeiro dia que souberam que havia um novo coronavírus na China. Os americanos, brasileiros e portugueses fizeram a mesma coisa com os cidadãos que chegaram de Wuhan, mas não continuaram assim.” Até a última semana, Taiwan registrava apenas uma morte, e Cingapura, nenhuma. Depois de controlada a explosão de casos, os trabalhadores cingaleses voltaram a trabalhar num regime de 50% da capacidade.

Mas esse é o único segredo dos orientais? Além do confinamento rápido, os asiáticos possuíam aparato técnico e equipamentos por conta dos surtos das últimas duas décadas. A Coreia do Sul chegou a perder o controle em certo ponto, no início da pandemia, mas logo

conteve a alta. Para isso, a Coreia chegou a fazer 10 mil testes diários, rastreando melhor a epidemia ao ponto de “seguir” os pacientes por imagens de videovigilância, usos de cartões e localização do celular.

No Brasil, autoridades relutaram em incentivar o isolamento da população para não afetar a economia. Não percebiam que a estratégia nos jogaria no modelo de contaminação italiano, com perdas maiores. O ministro da Saúde, Luiz Mandetta, disse na quarta-feira que o modelo coreano não poderia ser seguido pois país tem apenas 4 milhões de habitantes. Ele está errado. São 51 milhões, e a diferença não é de tamanho, mas que não temos a capacidade de testar a população por falta de reagentes importados.

Enquanto no Ocidente os contaminações crescem de modo geométrico, nos países exemplares o avanço do casos atingiu um platô rapidamente, evitando superlotação dos hospitais. Nos próximos dias, os economistas olharão com atenção quanto sobe o número de novos casos diariamente. A previsão é saltar 33% ao dia, dobrando o número de infectados a cada 24 ou 48h e multiplicando por 10 em 10 dias. A tendência é que essa cifra suba até o pico e comece a cair. Isso sinaliza quanto tempo a circulação de pessoas será desencorajada, e preve os impactos econômicos.

Segundo Armando Castelar Pinheiro, coordenador de economia aplicada do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da FGV, o Brasil atingiu na terça-feira 17, avanço médio de 26% no número diário de novos casos. Na Itália, que duas semanas antes estava similar ao Brasil (25%), foi a 13%. Se o Brasil seguir a Coreia, onde 0,0151% da população estava infectada no início da semana passada, teríamos 31.776 infectados até o surto arrefecer. Na progressão italiana, de 0,024% da população doente, seriam 51.256 infectados. “Minhas contas sugerem que o Brasil levaria até o fim de abril para acumular esses 50 mil casos e então a curva começa a cair”, diz Castelar.

Passado o pico, o retorno às ruas será paulatino, já que o número não pode subir de novo. Relatórios americanos citam até 12 meses para normalidade, mas são quatro meses para sair do momento crítico. Obviamente que esses números e prazos também dependem do grau de isolamento e cuidados que as pessoas vão adotar. O Brasil e o seu governo quer que sejamos como a Coreia ou como a Itália? **S**